

A hiper-ficcionalidade no pensamento de Derrida

Maria Continentino / PUC-Rio

Resumo

Ainda que não se encontre um privilégio concedido à arte no pensamento de Derrida, poderíamos falar de uma espécie de hiper-ficcionalidade, de uma generalização do ficcional na desconstrução. A disseminação de uma certa potência ficcional faz deslizar fronteiras bem definidas contaminando discursos supostamente neutros e universais. A contaminação do discurso filosófico, por exemplo, por uma certa ficcionalidade, obriga-o a lidar com uma possível fragilidade em seus fundamentos, ao revelar uma base comum aos discursos artísticos: o fato de serem ambos uma construção. Dessa forma, Derrida questiona a estrutura do “como tal” dos conceitos filosóficos propondo-lhes uma leitura a partir da estrutura do “como se” - que estaria por trás de todo discurso, mas que só seria assumida pelos discursos da arte – fazendo-os falar mais e abrindo-os para uma alteridade radical.

Palavras chave: Derrida, ficção, desconstrução, filosofia, literatura.

Abstract

If one can't find a privilege granted to art in Derrida's thought, we could talk about a kind of hyper-fictionality or about a generalization of the fictional in deconstruction. The dissemination of a certain fictional potency makes to slide well definite borders contaminating neutral and supposedly universal speeches. The contamination of the philosophical speech, for example, by a kind of fictionality, compels it to deal with a possible fragility in its beddings, when disclosing a common base to the artistic speeches: the fact to be both a construction. In this way, Derrida questions the structure of the “as such” of philosophical concepts considering a reading to them from the structure of “as if” - that would be the structure of all speeches, but that would only be assumed by the speeches of art - making them say more and opening them for a radical alterity.

Key words: Derrida, fiction, deconstruction, philosophy, literature.

Ainda que não se encontre um privilégio concedido à arte no pensamento de Derrida, poderíamos falar de uma espécie de hiper-ficcionalidade, de uma generalização do ficcional na desconstrução. A disseminação de uma certa potência artística faz deslizar fronteiras bem definidas contaminando discursos supostamente neutros ou universais. A contaminação do discurso filosófico, por exemplo, por uma certa ficcionalidade, obriga-o a lidar com uma possível fragilidade em seus fundamentos, ao revelar uma base comum aos discursos artísticos: o fato de serem ambos uma construção.

Os abalos que se dão em toda estrutura conceitual podem ser vistos como o motor do pensamento da desconstrução. Não é que a desconstrução ponha em prática uma máquina de abalar estruturas, mas justamente o oposto: ela se alimenta de um tremor que se dá no pensamento à revelia de qualquer método desconstrutivo. A desconstrução acontece, ela está no mundo e, assumir seus tremores é ter que conviver com uma realidade inquietante, onde nenhum sentido pode se fundamentar ou escapar de um questionamento que force sua abertura para tudo o que ficou de fora de sua constituição. Pode-se, então, perceber que a adoção de uma postura de permanente vigília e suspeita em relação ao sentido instituído, mostra-se como uma exigência desconstrutiva para que o pensamento continue pensando, assumindo como tarefa este movimento infinito, que caminha para o lado oposto da busca por soluções.

Para Derrida, a coisa mesma sempre escapa, por isso tudo o que temos são discursos produzidos por essa busca sem fim, sabida, de antemão, impossível. A estrutura dos discursos é uma estrutura de promessa e adiamento de um sentido que está sempre porvir e que nunca se alcança de fato, mas que, por isso mesmo, temos de continuar atrás dele, temos de responder a seus apelos. A verdade, para Derrida, seria o bloqueio do pensamento, um decreto de seu fim e, por isso, ao contrário do que dizem alguns críticos da desconstrução, esse estado de alerta adotado por Derrida está muito longe de uma postura niilista de quem não vê sentido em nada. Ele marca, isto sim, uma afirmatividade “essencial” à desconstrução que reforça e nos engaja nessa tarefa impossível que é o pensar. Isso não quer dizer que não haja sentido na desconstrução, mas que a idéia de um significado transcendental, pré-existente,

independente de qualquer referencialidade é, para Derrida, assim como para Nietzsche, uma ilusão metafísica. Como diz Paulo César Duque-Estrada:

(Derrida) não está interessado na aquisição de novas identidades conceituais, no enriquecimento dos conceitos com novas camadas de sentido. Na verdade, o sentido não é a principal questão para Derrida, e não porque ele simplesmente o ignore, pelo contrário, porque ele reconhece, todo o tempo, a necessidade de compreendê-lo da maneira mais rigorosa possível. É que ele reconhece também, e ao mesmo tempo, que o sentido, qualquer que seja, é sempre algo instituído: ele não é nunca natural, neutro, não é jamais algo dado, em si e por si, como tal.¹

A constatação da gravidade que é o pensar marca em Derrida um gesto hiperbólico que desloca o pensamento para longe da possibilidade de fechamento dos sentidos ou de sua simplificação nas oposições metafísicas. Dessa forma, a assunção de uma falta de fundamento e do caráter de construção de todo discurso não é uma simples massificação de qualquer narrativa, mas justamente uma tentativa de respeitar e fazer justiça à singularidade do pensamento para além da sua separação em filosofia, ciência ou literatura. Podemos entender melhor esta hiper-ficcionalidade em Derrida a partir do que ele chama de literatura, isto é, a partir da idéia de literatura apresentada por ele onde esta não se restringe ao que costumamos chamar um conjunto de textos “literários”, mas se expande e se organiza como o “lugar” por excelência da estrutura do “como se” que, segundo ele, se dá em todo pensamento.

Numa importante entrevista intitulada “Essa estranha instituição chamada literatura”², concedida a Derek Attridge em 1989, Derrida diz que a filosofia teria muito a aprender com a literatura em sua abertura para o novo, em assumir uma relação impossível com o que não pode se presentificar. O tópico da ficcionalidade na desconstrução aparece como uma crítica ferrenha ao ideal de presença da metafísica e expõe a experiência do narrar como uma relação sem relação que é estar diante do narrado “como se” ele estivesse ali. A indicação da invenção como base comum entre filosofia e literatura quer afastar um dogmatismo do discurso filosófico abrindo-o para uma alteridade radical. Se não podemos falar de um lugar privilegiado da arte no

¹ DUQUE-ESTRADA, Paulo César. Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura. P, 52.

² DERRIDA, Jacques. This strange institution called literature.

pensamento de Derrida é porque a desconstrução, além de não eleger questões essenciais e não reservar lugares privilegiados, não separa o pensamento da invenção; estende a ficcionalidade para além dos limites da arte. Derrida inicia a entrevista tentando lembrar o que teria se constituído como filosofia e como literatura em sua adolescência, pois reconhece sua hesitação entre as duas ao procurar por um lugar na escrita onde essa fronteira pudesse ser deslocada. Ele diz que o que lhe interessa hoje não poderia ser chamado nem de literatura nem de filosofia, mas de algo na escrita que não é nem uma coisa nem outra e que poderia ser pensado como uma espécie de “autobiografia”. Confessa um desejo obsessivo em tentar salvar por inscrições ininterruptas tudo o que acontece ou deixa de acontecer - “*fails to happen*”. Isto que “falha em acontecer”, o que não se presentifica, como uma tentação que impulsiona a escrita e que a leva adiante. Dessa forma, o desejo de escrever, isto é, o desejo de manter vivo o rastro do evento único que acontece, é o mesmo desejo de que o que não acontece deveria acontecer. Por isso, nenhuma narrativa pode ser, pura e simplesmente, uma descrição imparcial sobre fatos que se deram. Elas são sempre atravessadas por desejos, por invenções sobre o que não pode se presentificar. Toda narrativa, diz Derrida, é sempre uma relação com o que não aparece, é uma história na qual o evento cruza nele mesmo o arquivo do “real” e o arquivo da “ficção”, sendo já problemática aí uma separação radical entre narrativa histórica, ficção literária, e reflexão filosófica.

É bom lembrar que Derrida não quer apagar as fronteiras entre os discursos como se não houvesse diferença entre eles. Ele questiona justamente o que está envolvido quando identificamos e separamos cada uma dessas narrativas, quais são as leis que determinam essa separação, e num gesto que tenta fazer justiça à singularidade, radicalizando essa separação, ele vai chamar atenção para a importância de se ler cada texto singularmente, para a importância de se penetrar nas leis internas que regem cada texto.

Derrida é um pensador da singularidade e, segundo John Caputo, a desconstrução surge de um amor e um respeito infinitos por ela. A singularidade é indicada no artigo de Caputo, “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de

Derrida”, como a primeira marca ou traço do que ele chama de hiper-real e que aqui estou chamando de uma hiper-ficcionalidade:

Se o real significa o que se encontra presente, o que está realmente aí, plenamente desvelado, então a desconstrução, como desconstrução da metafísica da presença, é a desconstrução do realismo, de qualquer presença plena ou real que, como tal, pode sempre ser mostrada enquanto um efeito constituído. Exatamente do mesmo modo que a representação e a não-presença precedem e tornam possível o “efeito” da “presença”, a desconstrução terá um prazer diabólico em mostrar de que modo a não-realidade e a irrealidade precedem e tornam a “realidade” possível, tornando ao mesmo tempo possível e impossível o que quer que ouse se passar por realidade. A desconstrução jamais se cansaria de contar aos realistas aquela história contada por Nietzsche, de como o mundo real tornou-se fábula.³

No pensamento da desconstrução o mundo se apresenta como um texto construído por escrituras de todos os tipos: cinematográficas, pictográficas, coreográficas, filosóficas, judiciárias, musicais. Isto é, o mundo é construído como uma escritura que se dá a ler, onde cada texto nos coloca diante de uma lei que nos chama para decifrá-la e que, ao mesmo tempo, nos barra a entrada, nos priva de uma relação com ela, estabelecendo uma relação impossível que é, ao mesmo tempo, a única relação possível. Impossível porque toda relação é sempre uma relação com o outro e por isso nos é sempre interdita. Em nosso desejo de apropriação do outro, percebemos como o que há de outro no outro sempre escapa, por ser essa mesma a sua estrutura.

Derrida trata dessa lei do texto em seu artigo “Préjugés. Devant la loi” que é uma leitura do pequeno conto de Kafka, “Diante da lei”, incluído no penúltimo capítulo do livro “O processo”. A partir do conto kafkaniano, Derrida fala da experiência que temos diante de qualquer texto como a experiência de estar diante da lei, de uma lei maior, uma lei das leis, que seria uma lei vazia, sem essência e que apenas nos coloca diante da necessidade de haver leis, isto é, diante de um imperativo de “que haja lei!”.

A grande importância do texto “Diante da lei” de Derrida para a discussão sobre a contaminação da filosofia pela literatura é que nele o filósofo vai apresentar a estrutura do “como se” – que é a lei maior da literatura – como inerente a todo

³ CAPUTO, John. Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida. P.,.29

discurso, mesmo que não ficcional. Um dos exemplos apresentados por Derrida sobre a intrusão da ficcionalidade no coração da “pura racionalidade”, do discurso filosófico-científico, está na segunda formulação do imperativo categórico de Kant que diz: “haja **como se** a máxima de sua ação deva se tornar por sua vontade lei universal da natureza”. Além desse exemplo, Derrida ainda nos narra o longo processo de concepção da lei moral freudiana que tem suas bases em histórias mitológicas e numa experiência da auto-análise do psicanalista que leva em conta memórias carregadas de afetos e invenções, sendo impossível separar fatos “reais” e “fissionais”. Assim, podemos dizer que da mesma forma como os discursos ficcionais se tecem “como se” isto ou aquilo tivesse acontecido, também o pensamento crítico se estrutura “como se” a verdade ou a realidade fossem essa ou aquela, mas este não assume isto de forma alguma. É por isso que Derrida aponta uma potência no discurso da literatura que deveria ser aprendida pela filosofia. Rafael Haddock-Lobo, um disseminador do pensamento da desconstrução nos alerta para o gesto hiperbólico de Derrida:

Uma postura filosófica de extrema lucidez deveria ser aquela que, em primeiro lugar, aceitasse esse estatuto ficcional de seu discurso, essa impossibilidade absoluta de se alcançar uma verdade: não porque nosso discurso ainda não é suficiente para isso, devendo ser aprimorado ou então que se encontre outro idioma digno deste acesso, mas sim porque a estrutura mesma deste “isto” que se quer alcançar é sua indizibilidade. E, em última instância, porque qualquer pretensão de verdade e mesmo uma postura que queira independer da verdade em nome de quaisquer critérios epistemológicos, também é, ela mesma, resultado desta pulsão ficcional que nos assombra.⁴

A literatura, como uma estranha instituição que assume como “próprio” uma força estabilizadora/desestabilizadora da relação com o que não aparece, desapropriando-se, constantemente, deve mesmo ser uma estranha instituição que, como aponta Derrida, é uma instituição sem instituição, sem essência, que perderia sua força se lhe fosse assinada uma função. Num importante momento da entrevista, citada acima, ele afirma ver a literatura como “a coisa mais interessante do mundo talvez mais interessante que o mundo”⁵. E esse ‘talvez’ é de extrema importância para a desconstrução, pois aponta sua abertura para o novo, para a alteridade, para uma

⁴ HADDOCK-LOBO, Rafael. Considerações sobre um “hiper-ceticismo” em Jacques Derrida, p., 8.

⁵ DERRIDA, J. This strange institution called literature. P, 47.

dificuldade da filosofia em lidar com o que não se afirma “como tal”, mas que apenas aparece “como se” fosse assim. O talvez de Derrida “não se refere a uma dúvida, uma reticência ou mesmo uma especulação” mas “diz que não há nada de concreto que justifique o mundo, porque não se pode afirmar uma essência, um fundamento, uma causa primeira que explique ou justifique o mundo tal como ele se põe diante de nós.”⁶ A literatura seria “a coisa mais interessante do mundo talvez mais interessante do que o mundo” porque é uma instituição que permite que tudo seja dito.

Referências:

- CAPUTO, John. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida”. In: DUQUE-ESTRADA, P.C. (org.) *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio / Edições Loyola, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. “Préjugés. Devant la loi.” In: *La faculté de juger*. Colloque de Cerisy. Paris: Éditions de Minuit, 1985.
- _____. *Psyché. Invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987.
- _____. “This strange institution called literature”, in: *Acts of literature*. Londres: Routledge, 1992.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. “A literatura é a coisa mais interessante do mundo talvez mais interessante que o mundo”. In: *Confraria do vento*, nº 11, novembro/dezembro de 2006, versão eletrônica. Endereço do sítio: <http://confrariadovento.com/revista/numero11/ensaio04.htm> último acesso em abril de 2009.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. “Derrida e a escritura”. In: DUQUE-ESTRADA, P.C. (org.) *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. PUC-Rio / Edições Loyola, 2002.
- _____. “Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura”. In: *Mente Cérebro & Filosofia*, nº12, agosto de 2008.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.
- _____. “Considerações sobre um “hiper-ceticismo” em Jacques Derrida”. In: www.dubitoergosum.xpg.com.br/a287.htm
- _____. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶ DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. “A literatura é a coisa mais interessante do mundo talvez mais interessante que o mundo” p, 1.

